

# Pascal, da reflexão geométrica à experiência do infinito

---

Luís César Guimarães Oliva  
Universidade de São Paulo (USP)

**Resumo:** A discussão pascaliana sobre os infinitos passa por vários de seus escritos científicos e apoloéticos, mas em todos o filósofo é constante ao destacar o alcance ético desta discussão. O objetivo deste artigo é examinar como o problema do infinito surge no debate matemático para depois ganhar as páginas da apologia. Esta passagem de um domínio a outro é também a passagem de um ponto de vista racional (ainda que seja a razão confrontando-se com seus limites) para um ponto de vista focado na experiência humana do infinito.

**Palavras-chave:** Pascal, infinito, geometria, condição humana.

**Abstract:** The Pascalian discussion about infinity is present in several of his scientific and apologetic writings, but in all of them, the philosopher is constant in highlighting the ethical scope of this discussion. The aim of this paper is to examine how the problem of infinity arises in the mathematical debate and then win the pages of apology. This passage from one domain to another is also the passage from a rational point of view (even if it is reason confronting its limits) to a point of view focused on the human experience of infinity.

**Keywords:** Pascal, infinity, geometry, human condition.

A discussão pascaliana sobre os infinitos passa por vários de seus escritos científicos e apoloéticos, mas em todos o filósofo é constante ao destacar o alcance ético desta discussão, o qual podemos considerar mais relevante do que o próprio contexto teórico de onde parte. Para Pascal, com efeito, mais importante do que a compreensão racional dos infinitos é a maneira como o homem se relaciona com eles. Nas páginas que se seguem, vamos examinar como o problema surge no debate matemático para depois ganhar as páginas da apologia. Esta passagem de um domínio a outro é também a passagem de um ponto de vista racional (ainda que seja a razão confrontando-se com seus limites) para um ponto de vista focado na experiência humana do infinito.

## Divisibilidade e infinito

A primeira parte do opúsculo *Do Espírito Geométrico*, de Pascal, traz uma teoria das definições que recusa a tentativa de definir os termos primitivos. Não só porque, para o filósofo (na contramão de Descartes), a essência dos objetos simplíssimos nos escapa, mas porque todos

sabem do que falamos quando pronunciamos os termos correspondentes. A luz natural (aqui entendida não como a razão propriamente dita, mas como o sentimento dos princípios que permitem que ela opere) garante a conexão entre palavras e objetos, notadamente os elementos fundamentais da geometria: espaço, tempo, movimento e número. Tais termos não são definidos, mas não por serem obscuros, e sim, ao contrário, devido a sua extrema evidência, a qual garante sua certeza para além de definições ou convicções demonstrativas. Esta certeza, por sua vez, não é limitada à relação nome-coisa, porém, mesmo sem apreender a natureza da coisa, pode abranger propriedades dela, incluindo aquelas que Pascal chama de maravilhosas, das quais a principal é a dupla infinitude, de grandeza e pequenez:

Isto é, numa palavra, seja qual for o movimento, o número, o espaço, o tempo, há sempre um maior e um menor, de modo que todos eles se sustêm entre o nada e o infinito, estando sempre infinitamente afastados desses extremos.<sup>1</sup>

Assim vemos como a ignorância sobre as essências destas quatro grandezas fundamentais não nos impede de perceber uma propriedade admirável, aqui aplicada às grandezas, mas que os *Pensamentos* aplicarão a toda e qualquer criatura: as coisas estão em uma situação intermediária entre o tudo e o nada, infinitamente afastadas de ambos. No opúsculo, a própria geometria é colocada em situação intermediária entre uma ciência ideal, que tudo definiria e tudo demonstraria, e a confusão natural das outras ciências. Em seguida, os objetos da própria geometria, mesmo que esta renuncie a defini-los, apontam para sua situação em relação aos dois extremos: o movimento infinito e o repouso, o infinito numérico e o zero, o infinito em extensão e o ponto indivisível, a eternidade e o instante sem duração. Todos esses casos apontam para um tudo e um nada que se afastam infinitamente de qualquer objeto. Tudo isso é indemonstrável, pelo menos diretamente, mas não deixa de constituir os fundamentos da geometria, fundamentos cuja extrema evidência dispensa demonstrações.

Mais precisamente, é a evidência da dupla infinitude que dispensa demonstrações. Nada há de mais claro para quem é minimamente versado nos termos da geometria, tal como qualquer um que fale nossa língua sabe do que falamos quando dizemos “homem” ou “tempo”. E, no

---

<sup>1</sup> PASCAL (2017). *Do Espírito geométrico*. In: PASCAL (2017). *Do espírito geométrico e Da arte de persuadir e outros escritos de ciência, política e fé*. Belo Horizonte: Autêntica, pág. 51.

entanto, há resistências a esta evidência, na falta de um convencimento demonstrativo que em si mesmo é desnecessário. Como, então, lidar com esta resistência passional, que não aceita separar certeza e demonstrabilidade? O caminho escolhido por Pascal para este combate é, surpreendentemente, a própria razão discursiva, mas não em sua capacidade de demonstrar diretamente, a qual é manifestamente inútil diante dos princípios primeiros, que ela deveria pressupor e, no entanto, está pondo em questão aqui. O único modo de a razão aceitar o que não pode compreender, justamente porque não tem a intuição cartesiana que alcança as essências simples, é levá-la a demonstrar a impossibilidade da negação de seu objeto. Isto a convencerá demonstrativamente sem romper a invencível barreira que não lhe permite intuir diretamente os princípios e termos primitivos. À luz natural, basta constatar a evidência e a indubitabilidade do inconcebível para aceitá-lo. À razão discursiva, que por uma doença pretensiosa quer expandir-se para fora de seu terreno, é preciso contrapor-lhe a redução ao absurdo.

Escolhido este caminho, qual é a tese cuja incompreensibilidade choca a razão? É a tese de que uma grandeza seja divisível ao infinito. E qual é a negação desta tese, que parece palatável à razão? A de que há indivisíveis, partes sem extensão que terminam a divisão. Como Pascal a reduz ao absurdo?

Pois o que há de mais absurdo do que pretender que, dividindo sempre um espaço, chega-se enfim a uma divisão tal que, dividindo-a em duas, cada uma das metades permaneça indivisível e sem extensão alguma e que assim esses dois nada de extensão formem juntos uma extensão? Pois eu gostaria de perguntar àqueles que têm essa ideia se concebem nitidamente que dois indivisíveis se tocam: se é em toda parte, eles são uma mesma coisa e, por conseguinte, os dois em conjunto são indivisíveis; e, se não é em toda parte, é então apenas em uma parte: logo, eles têm partes; logo, não são indivisíveis.<sup>2</sup>

É absurdo dizer que uma divisão pode terminar em duas partes indivisíveis, pois isto equivaleria a dizer que dois indivisíveis podem juntar-se e compor alguma extensão. Ora, para isso deverão tocar-se, o que só poderá dar-se de duas maneiras: ou bem se tocarão integralmente, o que é condizente com o fato de serem indivisíveis sem partes, mas nesse caso apenas se recobrirão por inteiro sem nunca ultrapassar a condição de um ponto inextenso; ou bem se tocarão por uma parte, e então é falso que sejam indivisíveis sem partes. Em um caso, nunca

---

<sup>2</sup> Id., p. 53.

haverá extensão, o que é absurdo; no outro, não há indivisíveis, o que é contra a hipótese. Resta apenas conceder a divisibilidade infinita do espaço.

O mesmo raciocínio pode ser explicado a todas as grandezas geométricas, de modo que elas se mantêm nesse meio, infinitamente afastadas do indivisível, do zero, do repouso, do instante, do nada, porque não podem alcançá-los por divisão. Por outro lado, também estão infinitamente afastadas do infinito, pois não podem alcançá-lo por multiplicação. A desproporção é válida para ambas as direções. Pascal estaria então afirmando que não há indivisíveis? Muito pelo contrário, apenas está atendo-se ao absurdo que decorre da definição de indivisível como aquilo que não tem partes, e por isso está em total descontinuidade com a quantidade. Pascal, na verdade, afirma simultaneamente a divisibilidade infinita e o indivisível, mas este último, tal como o infinito, só pode ser objeto de admiração, não de concepção.

É neste ponto que a percepção de uma verdade geométrica como a propriedade da dupla infinidade nos permite um salto para fora da geometria e nos instrui sobre nossa condição. O afastamento do conhecimento do infinito é o mesmo do conhecimento do nada, ambos igualmente difíceis porque são inseparáveis:

Eis a admirável relação que a natureza estabeleceu entre essas coisas e as duas maravilhosas infinidades que propôs aos homens, não para conceber, mas para admirar. E, para terminar essa consideração com uma última observação, acrescentarei que esses dois infinitos, embora infinitamente diferentes, são todavia relativos um ao outro, de tal modo que o conhecimento de um conduz necessariamente ao conhecimento do outro.<sup>3</sup>

Para ilustrar tal tese, a experiência a que Pascal convida o leitor é olhar por uma lente o curso de um navio que, mesmo prolongando-se infinitamente, nunca chegará à linha do horizonte, cuja distância em relação ao navio será infinitamente diminuída, sem nunca ser suprimida; esta experiência aponta para a ligação indissociável dos dois infinitos. A admiração que isso causa, porém, talvez seja mais importante que toda a geometria, devido ao conhecimento da natureza humana que ela pode acarretar:

Contudo, os que virem claramente essas verdades poderão admirar a grandeza da potência da natureza nessa dupla infinidade que nos

---

<sup>3</sup> Id., p. 59.

circunda por todos os lados e aprender, por essa consideração maravilhosa, a conhecer a si mesmos, observando-se localizados entre uma infinidade e um nada de extensão, entre uma infinidade e um nada de número, entre uma infinidade e um nada de movimento, entre uma infinidade e um nada de tempo. Com base nisso, pode-se aprender a se estimar em seu justo valor e formar reflexões que valem mais do que todo o resto da geometria.<sup>4</sup>

Pascal não está dizendo que conhecemos diretamente nossa essência, o que contradiria tudo que foi dito antes sobre a luz natural, mas que a partir da propriedade geométrica da dupla infinidade podemos conhecer nossa situação relativa e com isso nos estimar sem excessiva pretensão.

### **Desproporção do homem**

Acabamos de ver o pano de fundo matemático que devemos ter em mente para analisar um dos mais famosos fragmentos dos *Pensamentos*<sup>5</sup>, obra que reúne os escritos preparatórios da *Apologia da Religião Cristã* que Pascal preparava quando morreu. Esta apologia pressupunha uma dura visão da condição humana, privada de fundamentos sólidos e certezas sobre si mesma. Isto nos ficará particularmente claro ao examinar, na sequência, o frag. 199/72, também conhecido como fragmento dos dois infinitos.

Seu título original é “Desproporção do homem”. De fato, o conhecimento do homem que este fragmento nos trará será sempre nesta condição, a saber, como um ser desproporcional a algo. Esta descoberta humilha o homem, o que é fundamental dentro do projeto apologético de Pascal. *Do Espírito Geométrico* terminava com a menção de que a dupla infinidade de todas as grandezas ensinava algo sobre nós mesmos, situados entre o nada e o infinito. O que lá foi apresentado a partir da geometria, aqui no fragmento 199/72 será apresentado a partir da reflexão sobre a natureza. Por isso o fragmento se inicia pelos conhecimentos naturais:

(Eis aonde nos levam os conhecimentos naturais. Se não são verdadeiros, não existe verdade no homem, e se são, ele descobre aí um grande motivo para humilhação, forçado a se rebaixar de uma maneira ou de outra.

---

<sup>4</sup> Id., p. 61.

<sup>5</sup> PASCAL (2001). *Pensamentos*. São Paulo: Martins Fontes. A numeração dos fragmentos desta edição segue a edição Lafuma, mas também oferece a respectiva numeração da edição Brunschvicg, procedimento que seguiremos neste artigo.

E visto que não pode subsistir sem acreditar neles, desejo, antes de entrar em maiores pesquisas sobre a natureza, que ele a considere uma vez seriamente e com tempo, que olhe também para si mesmo - e que julgue se mantém alguma proporção com ela, pela comparação que fará entre esses dois objetos.)<sup>6</sup>

Ou seja, os conhecimentos naturais nos conduzem à percepção da desproporção de nós mesmos, o que será desenvolvido ao longo do fragmento. Mas se pensarmos que os conhecimentos naturais também têm relação com os princípios da geometria, fica fácil ver por que eles nos humilham. O infinito dos números e sua divisibilidade infinita, que constituem um princípio da geometria, nos humilham ao nos colocar no meio entre o infinito e o nada. Afirmar estes conhecimentos é, portanto, do ponto de vista deste fragmento, humilhar-se. E quanto a negá-los ceticamente? Não é possível, porque negar tais conhecimentos seria negar aquilo que não podemos deixar de sentir (como aponta o frag. 110/282<sup>7</sup>), e mais: não poderíamos subsistir sem crer neles. No fragmento 199/72, diferentemente de outros, Pascal já recusa de saída a alternativa cética, visto que não se pode viver sendo cético. Resta-nos então crer nos conhecimentos naturais, a única alternativa efetivamente possível. Vejamos o que ela implica e se isso realmente nos levará a constatar a total desproporção do homem com a natureza. Todo o fragmento, aliás, é esta tentativa de comparação do homem com a natureza.

Em vez das demonstrações por absurdo de *Do Espírito Geométrico*, Pascal propõe aqui uma experiência de pensamento ao seu leitor:

Contemple pois o homem a natureza inteira em sua alta e plena majestade, afaste o seu olhar dos objetos baixos que o cercam. Olhe essa ofuscante luz posta como um fanal eterno para iluminar o universo, pareça-lhe a terra como um ponto em razão da vasta órbita que esse astro descreve, e fique tomado de admiração de que essa mesma vasta órbita não passa de uma ponta muito delicada com relação à que aqueles astros, que giram no firmamento, abrangem. Mas se a nossa vista para aí, que a imaginação passe além; ela ficará mais depressa cansada de conceber do que a natureza de fornecer. O mundo visível todo não é senão um traço imperceptível no amplo seio da natureza. Ideia alguma se aproxima dela, por mais que expandamos as nossas concepções para além dos espaços imagináveis, não geramos senão átomos em comparação com a realidade das coisas. É uma esfera infinita cujo

<sup>6</sup> Id., p. 78-79.

<sup>7</sup> Sobre isso, ver nosso artigo “Pascal crítico de Descartes”, In: Carvalho, M.; Leivas, C.; Fragoso, E.; Forlin, E.; Oliva, L.C. (orgs.). (2015). *Filosofia do Renascimento e Século XVII (Coleção XVI Encontro Anpof)*, São Paulo, Anpof.

centro está por toda parte, a circunferência em parte alguma. Enfim, é a maior característica sensível da onipotência de Deus que a nossa imaginação se perca nesse pensamento.<sup>8</sup>

Pascal convida o leitor a lançar-se pelos sentidos o mais longe e amplo que puder, tentando abarcar, tanto quanto possível, a natureza inteira. Sua própria vista lhe indicará que toda a terra não é mais que um ponto em comparação com a órbita do sol, ao mesmo tempo que esta órbita é também um ponto em comparação com as órbitas dos outros astros. Mas a vista não pode ir além disto, embora ela mesma perceba que é superada por esta realidade que ela não é capaz de abarcar. Então os sentidos passam o bastão para a imaginação, que segue tentando ampliar nosso alcance cognitivo. Não importa aqui dizer se o conhecimento imaginativo é verdadeiro ou não. O que importa a Pascal é mostrar que esta forma de conhecimento é também superada pela magnitude da natureza. Afinal, como depois será retomado por Newton, o que seria imaginar um limite para o espaço? Seria imaginar simultaneamente algo para além desse limite, de modo que nossa imaginação não é capaz de imaginar um espaço em si mesmo finito. Nos termos de Pascal, por mais que tentemos, só imaginamos átomos, isto é, pontos, em relação à realidade das coisas. Ela supera nossa capacidade de imaginar, como já superara nossa capacidade de ver. A realidade, ou seja, a natureza, é uma esfera infinita cujo centro está em toda parte e a circunferência em parte alguma.

Esta imagem é em si mesma um paradoxo, que se nega enquanto imagem. Se é infinita, não é esfera, pois para ter os pontos equidistantes do centro uma figura deve ter um centro, que só se pode determinar em função de uma circunferência finita. Se é infinita, não há mais centro, embora esta mesma infinitude faça de todos os pontos, em certo sentido, centros, pois todos estão igualmente afastados do limite inalcançável. Por isso, a equidistância entendida como distância igualmente infinita põe o centro em toda parte, e a circunferência, justamente porque é infinita, em parte alguma.

Esta não-imagem é apresentada como índice da contínua superação da imaginação quando tenta abarcar a realidade. Não é uma imagem nova na história da filosofia<sup>9</sup>, mas antes havia sido aplicada a Deus, o infinito-absoluto, e agora Pascal a aplica à natureza. Em si mesma, a natureza, como criatura, não é absolutamente infinita. O máximo que podemos dizer é, com

---

<sup>8</sup> PASCAL (2001). *Pensamentos*, frag. 199/72, p. 79.

<sup>9</sup> Para um rico histórico da imagem, ver POULET (1961). *Les métamorphoses du cercle*. Paris, Plon.

Descartes, que a extensão é indefinida. Todavia, para a experiência de pensamento que Pascal está propondo, basta que sintamos ser continuamente superados para perceber nossa incapacidade de abarcar o infinito. A natureza não é infinita como Deus, mas sua indefinidade aponta para o infinito divino, de modo que o fato de nossa imaginação perder-se na tentativa de abarcá-la já é “a maior característica sensível da onipotência de Deus”<sup>10</sup>. O que Pascal está dizendo é que nem é preciso o infinito atual (Deus) para comprovar a desproporção do homem com o infinito. Basta o infinito potencial da natureza para nos fazer sentir-nos superados. Isso cria entre o homem e a natureza uma ruptura similar àquela que há entre o zero e o número, ou entre o número e o infinito. Mesmo que a natureza não seja o infinito atual e, portanto, no sentido rigoroso de *Do Espírito Geométrico*, nosso corpo tenha proporção com ela, não é isso que experimentamos ao tentar abarcá-la. Sentimos que somos superados, que somos incapazes de compreender o infinito da natureza (mesmo que potencial). Por mais que nos “multipliquemos” imaginativamente, não alcançamos a natureza inteira, logo, embora estejamos nela, não temos proporção com ela; estamos nela e, devido à desproporção, separados dela. Por isso temos de renunciar ao infinito como um objeto pensável. Ele não é objeto de representação, ainda que sintamos sua existência. Na *Terceira Meditação* de Descartes, o infinito é objeto de uma ideia que nos permite demonstrar a existência de coisas fora do *cogito* e, posteriormente, alcançar a garantia de verdade das ideias evidentes. Por isso, ainda que Descartes relativize nosso conhecimento sobre o infinito, dizendo que nós o entendemos, mas não compreendemos, o fato é que ele é objeto de representação e esta representação nos *orienta*, tanto no conhecimento quanto na vida prática. Em Pascal, o infinito não é objeto de representação, e, ao tentar pensá-lo, o que é inevitável, ele nos *desorienta*. Poder-se-ia perguntar se esta desorientação não é resultado apenas da tentativa frustrada de imaginar o infinito, que precisamente não é imaginável. Nesse caso a desproporção não seria obstáculo para qualquer tipo de representação, mas apenas para aquela que não é adequada para este tipo de objeto, a saber, a representação imaginativa. Ora, a objeção já foi respondida *avant la lettre* em *Do Espírito Geométrico*, onde vimos uma tentativa também frustrada de apreender o infinito racionalmente. Portanto, num caso ou no outro, a tentativa de representar o infinito nos desorienta.

---

<sup>10</sup> PASCAL (2001). *Pensamentos*, frag. 199/72, p. 79.

A continuação do fragmento explicita esta desorientação quando tira o leitor da contemplação da natureza e o convida a olhar para si mesmo:

Tendo voltado a si, considere o homem aquilo ele é em face do que existe, veja-se como perdido, e que desse pequeno calabouço onde se encontra alojado, quero dizer, o universo, aprenda a estimar a terra, os reinos, as cidades, as casas e a si mesmo em seu justo valor. Que é um homem dentro do infinito?<sup>11</sup>

A pergunta convida o leitor a se avaliar, a conhecer-se, mas não na sua própria essência, e sim em relação ao infinito da natureza que ele acaba de contemplar. O problema é que, de um lado, este infinito não se deixa representar, não é conhecido senão como algo que nos supera, e, de outro lado, o infinito, justamente por não se deixar representar, não está no homem como a ideia de infinito estava no *cogito* cartesiano. Ao contrário, o homem é que está no infinito, e só poderá avaliar-se como parte desproporcional ao todo de que é parte. Como definir-se em relação ao infinito se esta relação é paradoxal, implicando estar *dentro de* e infinitamente *separado de*?

No entanto ainda nos falta um dos termos desta avaliação comparativa:

Mas para apresentar-lhe outro prodígio também espantoso, procure ele naquilo que conhece as coisas mais delicadas, que um ácaro lhe oferece na pequenez de seu corpo partes incomparavelmente menores, pernas com juntas, veias nas pernas, sangue nas veias, humores nesse sangue, gotas nesses humores, vapores nessas gotas, que dividindo ainda essas últimas coisas ele esgote as suas forças nessas concepções e que o último objeto a que ele pode chegar seja agora o de nosso discurso. Ele pensará talvez que está aí a extrema pequenez da natureza.

Quero mostrar-lhe dentro disso um abismo novo. Quero pintar-lhe não somente o universo visível, mas a imensidão que se pode conceber da natureza no âmbito dessa contração de átomo, que ele veja uma infinidade de universos, cada um dos quais tem o seu firmamento, os seus planetas, a sua terra, na mesma proporção que o mundo visível, nessa terra dos animais, e finalmente dos ácaros nos quais reencontrará aquilo que os primeiros deram, e encontrando ainda nos outros a mesma coisa sem fim e sem descanso, que ele se perderá nessas maravilhas tão espantosas em sua pequenez quanto as outras em sua extensão, pois quem não admirará que o nosso corpo, que há pouco nem era perceptível no universo, ele próprio imperceptível no seio do

---

<sup>11</sup> PASCAL (2001). *Pensamentos*, p. 79.

todo, seja agora um colosso, um mundo, ou melhor, um tudo comparado com um nada a que não se pode chegar.<sup>12</sup>

Se em *Do Espírito Geométrico* Pascal falara da divisibilidade ao infinito, aqui explora imaginativamente este mesmo processo. Naquela obra, a razão era incapaz de pôr termo à divisão do contínuo. Aqui, também a imaginação é superada continuamente quando tenta alcançar o infinitamente pequeno, o indivisível imaginado. Quando a imaginação crê ter chegado, ela mesma se vê superada; bem como a razão, enquanto parte do discurso, se deixa superar sem nunca chegar efetivamente ao infinitamente pequeno.

Como em *Do Espírito Geométrico*, a dupla infinitude é constatada como uma maravilha, mas aqui o assombro faz o homem perder-se na tentativa de conhecer-se. Nosso corpo, que há pouco era um nada relativo em comparação com o todo, visto que não tinha proporção com a natureza inteira, agora é visto como um todo em relação ao nada (também relativo) que a natureza nos oferece sempre que pensamos ter chegado ao fim da divisão. Ou seja, a natureza nos supera pela pequenez tanto quanto pela grandeza, e o mais íntimo de nosso próprio corpo (que afinal é também um ácaro) nos escapa tanto quanto a circunferência infinita do universo. Ao invés de trazer a tranquilidade do conhecimento de si, como em Descartes, esta experiência de pensamento nos traz o pavor do conhecimento *da perda de si*:

Quem se considerar assim ficará espantado consigo mesmo e se considerando sustentado na massa que a natureza lhe deu entre esses dois abismos do infinito e do nada, estremecerá à vista dessas maravilhas e creio que, transformando-se a sua curiosidade em admiração, ele estará mais disposto a contemplá-las em silêncio do que a buscá-las com presunção.<sup>13</sup>

A contemplação silenciosa indica uma visão sem discurso, um conhecimento de que não se conhece, reflexo de uma nova relação com os objetos de conhecimento, que precisamente deixam de ser objetos de investigação racional para tornarem-se objetos de admiração e pavor. A admiração substitui a curiosidade, trazendo um certo conteúdo sentido que não satisfaz a curiosidade, já que humilha a razão, mostrando a incapacidade desta de abranger esse conteúdo sentido.

---

<sup>12</sup> Id., p. 80.

<sup>13</sup> Id., *ibid.*

Mas o que é este conteúdo sentido no que diz respeito ao homem? Pode-se dizer algo sobre ele, ainda que tal conhecimento seja apavorante?

Pois afinal que é o homem na natureza? Um nada com relação ao infinito, um tudo com relação ao nada, um meio entre o nada e o tudo, infinitamente afastado de compreender os extremos; o fim das coisas e seus princípios estão para ele invencivelmente escondidos num segredo impenetrável.

Igualmente – incapaz de ver o nada de onde foi tirado e o infinito em que é engolido.<sup>14</sup>

Pascal não dá uma definição positiva do homem. Ao apresentá-lo como um meio entre o tudo e o nada, não está dando sequer uma definição relativa a outros termos positivamente conhecidos. Como os dois extremos lhe escapam, o conhecimento relativo que temos de nós mesmos é um conhecimento negativo. Não conhecemos o infinito, não conhecemos o nada, mas sabemos que estamos no meio deles, sem uma proporção racional com nenhum dos dois. Portanto esta noção de homem limita-se a situá-lo negativamente entre dois polos não conhecidos. Isto pouco diz sobre nossa essência, mas indica uma certa situação intermediária entre os extremos, o que podemos afirmar mesmo sem conhecer os extremos. Como não se trata de um termo médio preciso entre duas grandezas conhecidas, nem do centro preciso de uma circunferência finita, esse conhecimento de nossa situação relativa não alimenta as pretensões da razão. Ao contrário, humilha-a. O que este homem conhece de si e das coisas criadas? Apenas uma “aparência do meio das coisas”<sup>15</sup>, pois para conhecê-las com precisão, mesmo que relativamente, seria preciso conhecer a origem delas, que se confunde com o nada de que partiu a criação, bem como o todo onde estão engolidas, pois são partes dele. Desconhecidos estes extremos, o máximo que se pode conhecer é a aparência do meio.

Ora, o desconhecimento desta nossa desproporção com os infinitos gera as pretensões desmedidas da razão. Já a reflexão sobre os infinitos, mesmo reconhecendo nossa impossibilidade de abarcá-los racionalmente – ou justamente por isso – garante uma crítica da razão que a torna consciente dos seus limites. A falta dessa crítica produz a ilusão de proporcionalidade que têm os filósofos, não tão frequente com relação à totalidade do conhecimento, mas bem mais com relação aos princípios primeiros, no que Pascal explicita sua

---

<sup>14</sup> Id., *ibid.*

<sup>15</sup> Id., *Ibid.*

crítica a Descartes (precisamente o autor dos *Princípios da Filosofia*). Por que isso ocorre? Porque, como nós ultrapassamos as coisas pequenas, cremos que somos mais capazes de possuí-las. Porém, não nos falta menos capacidade para chegar ao nada do que ao todo, que aliás, segundo Pascal, se encontram:

Não é necessária capacidade menor para ir até o nada do que para ir até o todo. Ela tem de ser infinita para uma e outra coisa, e a mim parece que quem chegasse a compreender os últimos princípios das coisas poderia também chegar a conhecer o infinito. Um depende do outro e um conduz ao outro. Esses extremos se tocam e se encontram à força de estarem afastados e se reencontram em Deus, e em Deus somente.<sup>16</sup>

O infinito e o nada absolutos se encontram. Afinal, o que seria um ponto em velocidade infinita? Seria um ponto que estaria sempre em toda parte, inclusive no ponto de partida, ou seja, seria o repouso. O que seria a eternidade divina? Seria um instante infinito. E assim por diante. A ideia de que os infinitos se encontram reforça o caráter paradoxal do Deus pascaliano, que é tudo e nada ao mesmo tempo, como Jesus Cristo foi homem e Deus. O caráter paradoxal torna essa realidade incompreensível, mas ao mesmo tempo ela é irrecusável, o que constitui um certo conhecimento que, em vez de engrandecer a razão, humilha-a mais uma vez. Por isso, conhecer a si mesmo é conhecer nossa desproporção:

Conheçamos pois o nosso alcance. Somos alguma coisa e não somos tudo. O que temos de ser nos escamoteia o conhecimento dos primeiros princípios que nascem do nada, e o pouco que temos de ser nos esconde a vista do infinito.<sup>17</sup>

Isto faz com que, em todas as nossas faculdades (sentidos, imaginação e razão), estejamos condenados ao meio e desproporcionados com os extremos: o excesso de som nos ensurdece, o excesso de luz nos obscurece, o excesso de verdade nos assombra. Em suma, as coisas extremas são para nós como se não existissem, e nós, para elas, como se não existíssemos, tal a desproporção entre elas e nós.

Com todas as limitações, esta situação de meio é o que nos define, como já estava implícito na apresentação do homem como nada em relação ao infinito e tudo em relação ao

---

<sup>16</sup> Id., p. 82.

<sup>17</sup> Id., *ibid.*

nada. Isto é, a pergunta “o que é o homem?” só pode ser respondida apresentando-se o estado do homem, a situação do homem perdido entre os infinitos. Ou então, como diz Franklin Leopoldo e Silva<sup>18</sup>, poderíamos afirmar que não há verdadeira resposta para a pergunta “o que é o homem?” porque a finitude humana não é uma coisa, mas uma situação. Diz Pascal:

Aí está o nosso estado verdadeiro. É isso que nos torna incapazes de saber com certeza e de ignorar de modo absoluto. Vogamos sobre um meio vasto, sempre incertos e flutuantes, levados de uma ponta para a outra; qualquer termo em que pensemos nos agarrar e nos firmar, abala-se, e nos abandona, e, se o seguimos, ele escapa às nossas tentativas de pegá-lo, escorrega e foge com fuga eterna; nada se detém para nós. É o estado que nos é natural e entretanto o mais contrário à nossa inclinação.<sup>19</sup>

Neste estado de extravio, em que não conseguimos nos determinar em relação a extremos que nos escapam, tampouco podemos fixar os objetos, que nos escapam também. Não há uma representação, como o *cogito* cartesiano, capaz de servir de ponto fixo para determinarmos o resto, ou de ponto de partida para uma reflexão segura. Ao contrário, a tentativa de fixar um objeto só ressalta que nós mesmos fluímos, perdemos-nos a nós mesmos. Este é nosso estado natural, o extravio, no entanto isso violenta nossa inclinação natural. Nossa inclinação é para o repouso, mas nossa condição impõe necessariamente o movimento. Descartes, pouco antes de descobrir o *cogito* na *Segunda Meditação*, diz:

Arquimedes, para tirar o globo terrestre de seu lugar e transportá-lo para outra parte, não pedia nada mais exceto um ponto que fosse fixo e seguro. Assim, terei o direito de conceber altas esperanças, se for bastante feliz para encontrar somente uma coisa que seja certa e indubitável.<sup>20</sup>

Pascal sabe que isso é objeto de desejo, mas considera tal desejo irrealizável, dada a nossa condição. Diz ele em contraste: “Ardemos no desejo de encontrar uma posição firme e uma última base constante para aí edificar uma torre que se eleve ao infinito, mas todo o nosso alcance cede e a terra se abre até os abismos”.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> Permito-me aqui parafrasear uma exposição de Franklin Leopoldo e Silva feita em sala de aula. Não pude encontrar uma versão publicada que se pudesse citar.

<sup>19</sup> Id., p. 83.

<sup>20</sup> DESCARTES (1988). *Meditações Metafísicas*. In: *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, p. 23.

<sup>21</sup> Id, pág. 83.

O opúsculo *Do Espírito Geométrico* termina sua longa discussão sobre a divisibilidade infinita dizendo que esse aprendizado nos ajudará a nos estimar em nosso justo valor. O fragmento 199/72, por sua vez, encerra-se abruptamente, não sem antes mencionar que toda a discussão feita se insere numa prova de nossa fraqueza. Ambos os escritos, portanto, apontam para o alcance ético da reflexão sobre os infinitos e, por caminhos bem diferentes, chegam a um lugar parecido. Se a investigação sobre os infinitos não gera o ponto arquimediano que nos permitiria construir o edifício da ciência com total inteligibilidade, pelo menos ela nos ensina a conhecer o que somos, ou melhor, como nos situamos em relação ao nada e a Deus. Isto, para Pascal, é mais importante do que toda a ciência teórica.

### Referências bibliográficas

- DESCARTES, R. (1988). *Meditações Metafísicas*. In: *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural.
- OLIVA, L.C. (2015). “Pascal crítico de Descartes”. In: Carvalho, M.; Leivas, C.; Fragoso, E.; Forlin, E.; Oliva, L.C. (orgs.), *Filosofia do Renascimento e Século XVII (Coleção XVI Encontro Anpof)*, São Paulo, Anpof.
- \_\_\_\_\_. (2017). *Do espírito geométrico e Da arte de persuadir e outros escritos de ciência, política e fé*. Belo Horizonte: Autêntica.
- PASCAL, B. (2001). *Pensamentos*. São Paulo: Martins Fontes.
- POULET, G. (1961). *Les métamorphoses du cercle*. Paris, Plon.